

**A Rainha Esther do maranhão:
O judaísmo de Isabel Gomes no nordeste setecentista**

**The Esther Queen of maranhão:
Isabel Gomes' judaism in the northeast 18th century**

Marize Helena de Campos
DeHis – Universidade Federal do Maranhão
Centro de Humanidades – CHAM – UNL - UAc

Resumo:

No início do século XVIII, viveu em São Luís do Maranhão a cristã-nova Isabel Gomes, por muitos chamada de “Rainha Esther do Maranhão”. Neste trabalho apresentamos aspectos de sua multifacetada resistência frente ao catolicismo imposto pela metrópole portuguesa com base em denúncias constantes no *Auto da Inquisição que mandou fazer o padre Carlos Pereira, comissário do Santo Ofício na cidade do Maranhão* (Inquirição de 1731) e no *119º Caderno do Promotor*, pertencentes ao acervo do Arquivo da Torre do Tombo, Lisboa - Portugal.

Palavras-chave: Inquisição, História da Mulher, América portuguesa, Arquivo Nacional da Torre do Tombo.

Abstract:

At the beginning of the 18th century, the new Christian Isabel Gomes lived in São Luís do Maranhão, known to many as “Rainha Esther do Maranhão”. In this article, we present aspects of its multifaceted resistance to Catholicism imposed by the Portuguese metropolis based on the complaints contained in the *Auto da Inquisição* that ordered Father Carlos Pereira, commissioner of the Holy Office in the city of Maranhão (Inquiry of 1731) and the 119th Prosecutor, belonging to the archive of the Torre do Tombo Archive, Lisbon - Portugal.

Keywords: Inquisition, History of Women, Portuguese America, Torre do Tombo National Archives.

Resumen: A principios del siglo XVIII, la nueva cristiana Isabel Gomes vivía en São Luís do Maranhão, conocida por muchos como “Rainha Esther do Maranhão”. En este artículo presentamos aspectos de su polifacética resistencia al catolicismo impuesta por la metrópoli portuguesa a partir de las denuncias contenidas en el Auto da Inquisição que ordenó al padre Carlos Pereira, comisionado del Santo Oficio en la ciudad de Maranhão (Investigación de 1731) y Fiscal 119, perteneciente al archivo del Archivo Torre do Tombo, Lisboa - Portugal.

Palabras clave: Inquisición, Historia de la Mujer, América Portuguesa, Archivo Nacional Torre do Tombo.

E as pessoas, que via ir para os tais ajuntamentos, herão p além dos trez defuntos Duarte Rodriguez, Gregorio de Andrade, e o P. Jozeph Rodriguez de Távora / Izabel Gomez, veuva, que ficou de Diogo Pedro, àqual em algum tempo chamavão por alcunha varias pessoas a Rainha Esther.¹

Protagonista de um dos Livros contidos no Velho Testamento, a Rainha Esther seria séculos mais tarde a inspiração identitária da cristã nova Isabel Gomes em terras do Maranhão colonial.

Descrita como uma mulher que, *fez jus ao significado de seu nome persa ‘Estrela’, pois se destacou e conquistou respeito e atenção como rainha, tornando-a uma representante da ousadia feminina nos tempos bíblicos*², muito provavelmente, a hebreia coroada soberana da Pérsia não poderia imaginar que, no nordeste colonial brasileiro, seu nome serviria de referência a uma mulher que parecia não temer as ameaças punitivas do Santo Ofício da Inquisição.

¹ ANTT – TSO, IL, Cadernos do Promotor, Caderno 119, livro 030 - 311, m107 fl.381v. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=3260674>

² SCARDUELI, Márcia Cristiane Nunes e CAMARGO, Aline Rodrigues de. DALILA E ESTER: Personalidades bíblicas linguisticamente poderosas. Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG - v. 27, n. 1 - Jan/jun., p.46

Izabel Gomes, auto denominava-se e era tratada por muitos dos seus contemporâneos como a “Rainha Esther do Maranhão”. Pertencente à família do Capitão de Infantaria Duarte Rodrigues de Távora, que há décadas vinha sendo denunciada por judaísmo aos agentes inquisitoriais, era casada com o capitão Diogo Pedro Homem e neta, por parte de sua mãe Maria Brandoa, de Brízida de Andrade e Duarte Rodrigues de Távora³, conhecido como Pai Abraão.

Duarte Rodrigues de Távora tronco desta família, e dizem q he o sacerdote deles, e todos o tratão the mesmo gentios escravos por Pay Habrão, e dizem que entre sy todos tem nomes daqueles da Nasção Hebreia.⁴

Moradora em São Luís do Maranhão, Izabel parece ter seguido a postura do seu avô resistindo cotidianamente e declaradamente ao catolicismo com atitudes que lhe valeram uma série de denúncias na dita *Inquisição que mandou fazer o padre Carlos Pereira, comissário do Santo Ofício na cidade do Maranhão*.⁵

Das denúncias feitas contra Isabel Gomes destacam-se as de queimar e destruir imagens e de ter levado para uma missa de Natal na igreja de Nossa Senhora do Carmo em São Luís, uma imagem do menino Jesus feito de massa de pão que fez passar pelas mãos de suas parentas que o beijaram e depois despedaçaram e comeram, causando grande espanto entre os presentes na cerimônia religiosa.⁶

Principiava o ano de 1731.

Sob as típicas águas do inverno maranhense, foi instalada no dia 21 de março, na Capela interior do Colégio de Nossa Senhora da Luz⁷ da cidade de São Luís, uma Mesa do Santo

³ APEM, Autos de Embargo, Caixa nº01, Maço nº 01, Documento nº 03, fl. 37.

⁴ ANTT- TSO, IL, Cadernos do Promotor, caderno 77, livro 271, 35 TIF. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=2318095>

⁵ Auto da Inquisição que mandou fazer o padre Carlos Pereira, comissário do Santo Ofício na cidade do Maranhão (Inquirição de 1731). Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4499086>

⁶ ANTT – TSO, IL, Cadernos do Promotor, Caderno 119, livro 311, fl. 378v.

⁷ “A igreja Nossa Senhora da Vitória foi a primeira matriz de São Luís, erguida em 1621. O nome da igreja está relacionado à vitória dos portugueses em relação aos franceses na Batalha de Guaxenduba, a qual foi concebida pela ajuda direta de Nossa Senhora que, segundo relatos, lhes conferiu a vitória na batalha. Em 1626, coube ao padre jesuíta Luís Figueira a missão de, além da fundação do Colégio da Luz, construir uma nova igreja para a Ordem. Em 1626, o Pe. Luís Figueira construiu também a primeira capela do Colégio dedicada à Nossa Senhora da Luz”. In: SILVA, Regiane Aparecida Caire y SOUSA, Marília Martha França.

Ofício da Inquisição de Lisboa presidida pelo Padre Carlos Pereira, sacerdote da Companhia de Jesus e reitor do dito Colégio e sob encargo do Padre Ignácio Xavier, sacerdote *professo* da Companhia de Jesus.⁸

A intenção era fazer um Auto de Inquirição com todas as diligências e interrogatórios que se fizessem necessários a pessoas da cidade de São Luís e *seos destritos*, a fim de investigar comportamentos, mais precisamente as práticas de cripto-judaicas, como indicado na proposição das perguntas:

- Se sabe, ou suspeita para o que foi chamado, e se persuadiu alguma pessoa a que sendo perguntado por parte do santo officio dissesse mais ou menos, do que soubesse, e fosse verdade;
- Se sabe ou ouviu que alguma pessoa ou pessoas fizessem alguma couza, cujo conhecimento pertença ao santo officio e que deva dar conta na Meza do mesmo;
- Se sabe, ou ouviu que alguma pessoa ou pessoas em algum tempo se tenha apartado da nossa santa igreja catholica, e lei evangélica, e separassem da crença da lei de [...] tendo ainda agora por boa, e verdadeira, esperando [...] ver se nella nam orendo no mistério da Santíssima Trindade nem em Christo Senhor nosso pelo não fazer por Deus verdadeiro e Messias prometido na Lei, partes esperando ainda por ele como os Judeus esperam;
- Se sabe, [...] que alguma pessoa ou pessoas falassem algumas [...] judaycas, ou do Padre Nosso, sem dizer Jesus n [...];
- Se sabe, ou ouviu que alguma pessoa ou pessoas [...] dam os sábados de trabalho por obra, ou na verdade, nam trabalhando nelles; mas antes vestindo ce de festa com camisa lavada e os milhores vestidos principiando a guarda deles a tarde, varrendo, ou mandando varrer as [...] berras, concertando ou mandando concertar os [...] deyras [...] limpo e torcidas novas deixando acezas the per si se apagarem por cerimonia judaica;
- Se sabe ou ouviu que alguma pessoa, ou pessoas guardem as Paschoas dos judeus por obra, ou na vontade assim a [...] pam asimo, como o das C.banas, ou outras algo [...] Celebrando as ceremonias, que os Judeus cos[...];
- Se sabe, [...] ou ouviu, que alguma pessoa [...] oas fizessem alguns jejuns judaicos nos segun[...] as feiras de cada semana, ou da Rainha Esther [...] três dias, ou o [...] di[...] que vem [...] mês de Setembro, ou outros jejuns judaicos estando em cada um deles sem comer nem beber, senão m[...] ceando [...] contas [...] nam for [...]zem de carne abstendo de pov [...] abra coelho, e peixe sem pelle, e sem escama por observância da lei de Moyses; e se quando faziam os ditos jejuns se ajuntavam as ditas pessoas em alguma casa particular, comunicando ce por Crentes, observantes da ditta Lei de Moyses entre sy, ou

A Companhia de Jesus em São Luís do Maranhão: Considerações sobre pintura e talha na Catedral da Sé. IHS. Antiguos jesuitas en Iberoamérica. Vol. 4 nº 1 enero - junio 2016.

⁸ NOVINSKY, Anita Waingort. O Santo Ofício da Inquisição no Maranhão: a inquirição de 1731. São Luís: UEMA, 2006, p. 29.

se em outros alguns dias tinham semelhantes ajuntamentos na ditta caza, ou em diferentes e se faziam algumas cerimoniaes acautelando ce dos servos da caza, para que estes nam vissem [...]

- Se sabe, vio ou ouvio que alguma pessoa, ou pessoas quando lhe morria alguma pessoa de sua obrigação lançavam ou mandavam lançar fora a agua, que tinham nos Cantaros para beber por cerimonia judaica;
- Se sabe, vio, ou ouvio, que alguma pessoa, ou pessoas, quando lhe morria alguma pessoa de sua obrigação a amortalhavam, ou mandavam amortalhar em mortalha nova e enterrar em terra virgem e cova funda mantendo lhe na boca (sic) dinheiro de ouro, ou [...], aljofre ou coral fino por cerimonia judaica cortando n [...] assentos e guardando as, e comendo em Mezas baixas ou fazendo [...] algum acto que parecesse ser em observância da ditta Ley de Moyses;
- Se sabe, se vio, ou ouvio que alguma pessoa ou pessoas, quando lançavam a bençã a seos afilhados pessoas de sua obrigação o faziam pondo-lhe a mam aberta na sua testa cortando lhe pelo rosto abaixo the os peitos numa na [...] Abrahão, Izac e Jacob, como os judeus costumam;
- Se tudo que tem testemunhado o fes por descargo de sua consciência, e por assim passar na verdade, ou por ódio ou ma vontade, que tinha a ditta pessoa, ou pessoas, e para tirar[...] Inquiriçam e serem perguntados testemunhas judici [...] pelos interrogatórios referidos, ele dito reverendíssimo Padre Commissario do santo officio mandou fazer este auto o que assinou.⁹

O primeiro denunciante chamado à Mesa foi o Padre Frei Antônio de Macedo, Prior do Convento do Carmo, e de tudo o que lhe fora perguntado não disse nada. O segundo a se apresentar foi o Padre Frei Manoel da Conceição, religioso de Santo Antônio e “guardião” do Convento de Santo Antônio em São Luís do Maranhão.

A acusação era “por ouvir dizer” sobre um ocorrido em São Luís do Maranhão, quando, depois de encomendar uma imagem do menino Jesus de massa *que não sabe se de trigo*, a um certo Raimundo de Azevedo, *o dava a beijar a outros seus parentes nella huma noite de Natal na Igreja do Carmo desta cidade e mais que passou nesse particular o poderão dizer o ditto Raimundo de Azevedo*.¹⁰

Por aquele tempo, São Luís crescia e, ainda que as bases da área central fossem funcionais e estabelecidas em função das demandas comerciais, a cidade continuava sua função de garantir o domínio português e primar pela ordem interna na região.

⁹ NOVINSKY, Anita Waingort. op. cit. pp 30 – 32.

¹⁰ NOVINSKY, Anita Waingort. op. cit. p. 35.

Um dos órgãos encarregados desta manutenção eram as Ordenanças¹¹, que tinham seus postos de comando ocupados por moradores locais, especificamente os de prestígio, ou, os principais das terras e os da *melhor nobreza e christandade*¹², como aponta Nuno Gonçalo Monteiro:

Supunha-se que os membros das famílias localmente mais prestigiadas e antigas dispunham de uma autoridade natural, ou seja, sedimentada pelo tempo, que mais facilmente seria acatada pelos de baixo. Pensava-se também que os mais nobres e ricos seriam igualmente os que davam maiores garantias de isenção (“desinteresse”) e independência no desempenho dos seus ofícios, no sentido de poderem viver para eles sem deles viverem.¹³

Talvez por isso, no decorrer da Inquirição, o Capitão da Ordenança local, Joseph Maciel Parente, não tardou a ser chamado. Em seu relato ao *Reverendíssimo Padre Comissário* afirmou ter ouvido publicamente o caso passado na Igreja do Carmo, mas foi sua referência sobre uma prática dos descendentes de Duarte Rodrigues em “fazer sinagoga”¹⁴ que mais nos chama atenção.

De acordo com o denunciante, em certa ocasião, ao ouvir o repicar o sino *com demasia a intervalos*, da ermida de Nossa Senhora da Boa Hora¹⁵ ou da Madre Deus, situadas fora

¹¹ SALGADO, Graça (coord.). *Fiscais e meirinhos: a administração no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 97

¹² “Provisão das Ordenanças de 30 de abril de 1758”. In: *Systema ou Collecção dos Regimentos Reais*, compilados por José Roberto de Campos Coelho e Sousa, tomo V, Oficina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1789, itens de nos 2 e 67.

¹³ MONTEIRO, Nuno Gonçalo. “Poderes Municipais e Elites Sociais Locais” (séculos XVIII-XIX): Estado de Uma Questão”. In: *O Município Português*. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, 1998, p. 325.

¹⁴ “A expressão tem origem nos processos da infamada inquisição, onde aparece quejandas vezes a acusação contra cristãos-novos, isto é, judeus forçados a converter-se ao cristianismo, que se reuniam em determinadas casas, para fazer, às escondidas, as orações da sua religião ancestral”. In: *História das Palavras*. <https://steinhardts.wordpress.com/2009/02/23/128/>

¹⁵ Ermida de N. S. Da Boa Hora. *Existio na quinta da Boa Hora, propriedade do Barão de Anajatuba, bem perto da Madre de Deus. Foi seu fundador o capitão-mor Antonio Baldez da Silva, como se lê na provisão de ermitão, passada a 23 de maio de 1727, registrada na câmara ecclesiastica. Não sabemos ao certo quando foi fundada, e a este respeito deparamos com o requerimento do sargento-mor João Nogueira de Sousa, pedindo a câmara « uns chãos » na rua que vae de canto de João Barbosa para a ermida de N. S da Boa Hora, adiante da Fonte das Pedras, em 1723. Corre a tradição de ter sido possuída pelos jesuítas, que compraram a quinta onde estava a capella, para convallescença dos seus doentes, o que é bem possível*. In: MARQUES, Cezar Augusto. *Dicionário Histórico - Geographico da Província do Maranhão*. Maranhão, 1870. Typ. do FRIAS, rua da Palma n° 6. p.198.

da cidade, perguntara que sons eram aqueles. Responderam-lhe *alguns sozeiros* que eram os judeus da descendência de Duarte Rodrigues que estavam *fazendo a sua sinagoga*, pois quando algum deles ia para a cidade os que já estavam o vinham receber ao caminho do bairro repicando os sinos.¹⁶

A cena descrita sinaliza um código de comunicação *sui-generis* uma vez que, evidencia a antítese de um comportamento marcado pelo medo, clandestinidade e segredo, os sinos, nesse caso, desafiavam o silêncio imposto ao dobrarem não para a missa, mas sim para judaizar.

Se os sinos dobravam, aquelas pessoas não. Dentre as quais, Izabel Gomes.

E lá estava novamente o seu nome denunciado quando foi chamado para depor Joam Lopes de Souza, *cidadam, natural e habitador da Cidade do Maranhão*. O motivo era o mesmo que embasara a denúncia feita pelo Padre Frei Manoel da Conceição, o caso protagonizado por Izabel na noite de Natal da Igreja do Carmo.

De acordo com Maria Goretti Cavalcante de Carvalho, a Igreja do Carmo em São Luís vivenciava a vida comunitária, desde o Século XVII, celebrando as missas, organizando procissões, festas natalinas, de Páscoa, velórios, assistência aos doentes e desvalidos. Era o que animava a vida da cidade.¹⁷

Assim também se deu com a quinta testemunha a se apresentar, Raimundo de Azevedo Carvalho. Era natural e morador em São Luís onde havia ocupado o cargo *Cappitam de assaltos*¹⁸. O fato por ele delatado era o mesmo, e dificilmente seria outro, visto que Raimundo era figura central deste caso, pois foi o artesão que modelara o “Menino Jesus”

¹⁶ NOVINSKY, Anita Waingort. op. cit. pp 40 – 41.

¹⁷ XXVIII Simpósio Nacional de História. O Convento do Carmo: um "lugar de memória" uno e múltiplo no Centro Histórico de São Luís – MA. 2015. (Simpósio).

¹⁸ *Capitão – de – assalto: Regionalismo baiano, com o mesmo significado de capitão – de – estrada e capitão do mato. Indivíduo encarregado de prender e restituir ao senhor o escravo fugido ou aquilombado. Depois de contratar com o dono do negro a captura, obter a sua descrição e marcas (ferros) pessoais, saía em busca do fugitivo até encontra-lo, terminando a operação com a entrega do fugitivo e o recebimento da tomadia.* In: Dicionário da escravidão negra no Brasil. São Paulo: Edusp, 2004. p.82.

de massa de pão, encomendado por Izabel Gomes para a emblemática Noite de Natal do ano de 1728.

Sua narrativa traz o olhar de alguém diretamente envolvido na acusação mais repetida que pairou sobre o nome de Izabel Gomes, e talvez por isso seja carregada de detalhes e nomes que permitem alcançar uma percepção mais aprofundada daquela curiosa “personagem” e suas práticas tão revestidas de simbolismos.

Perguntado pelo conteúdo nos interrogatórios da Inquirição disse que, com relação ao primeiro, suspeitava ter sido novamente chamado para depor sobre o mesmo caso que em 1730 havia deposto e que dizia respeito ao Menino Jesus de massa feito por ele a mando de Izabel Gomes. Disse que,

Sendo em huma véspera de Natal de manhan entrara em sua caza huma mamaluca por nome Florencia escrava do Cappitam Diogo Pedro levando huma pouca de massa e hum prato, dissera a ele testemunha que sua senhora Izabel Gomes lhe mandara pedir (...) lhe fizesse dous meninos a qual elle testemunha sem malicia alguma, ou suspeita dela, mas so por fazer o (...) a ditta Izabel Gomes por dever obrigaçoens lhe fizera da ditta massa hum menino somente o qual ouvio dizer hum. Catherina Barboza filha de Hilario de Paiva e outra molher por nome Ursula cujo sobrenome lhe nam lembra molher do Sargento Mor Joachim Vidal, que a dita Izabel Gomes levava o dito menino de massa neste Natal a Igreja de Nossa Senhora do Carmo e dera a beijar a outras parentas della e ainda a outras mulheres que na ditta Igreja (...) as quais depois partiram o menino em pedaços e entre si o comeram.¹⁹

Sobre o episódio dos sinos, Raimundo Azevedo acrescentou que *isto foi tam falado, e e censurado nesta Cidade, que lhe parece nam houve moleque algum da Rua, que nam o soubesse*.²⁰ E foi além, lembrando de outra circunstância em que Izabel manifestou sua contrariedade frente a religião imposta.

Disse que, *ouvira dizer*, na Quinta-Feira de Endoenças, ou Quinta-Feira Santa, do ano de 1729 que indo para as Igrejas, Ignacia da Sylva, mulher do já citado Hilário de Paiva, sua filha Catharina Barboza e Catherina Duarte, pertencente à família Andrade e Affonseca,

¹⁹ NOVINSKY, Anita Waingort. op. cit. p. 45.

²⁰ NOVINSKY, Anita Waingort. op. cit. p. 47.

encontraram Izabel Gomes à janela e ao lhe perguntar Catherina Duarte “como tinha passado a festa?” *ella, ditta Izabel Gomes, respondera que a tinha feito com huma cuja de mingao, que hé huma pouca farinha da terra feita de mandioca, cozida na braza.*²¹ Disso, concluiu Raimundo *notar avia hay alguma judiaria.*²²

Terminada a apresentação de suas declarações foi a vez de dar testemunho o Reverendo Padre, Cônego Agostinho Mouzinho Garro, de cinquenta e sete anos *pouco mais, ou menos*, natural e morador de São Luís do Maranhão onde exercia o cargo de tesoureiro mor da Catedral da Sé e *Comossário da Bulla da Santa Cruzada.*²³

Em seu depoimento, disse que também ouvira dizer sobre o caso do *menino feito de massa* feito por Raimundo de Azevedo, a mando de Izabel Gomes, que na noite de Natal andou de *mam em mam* na Igreja do Carmo pela parentela de Izabel e que, para ele Agostinho Garro, *a gente de geraçam de Duarte Rodrigues* tinha fama pública de ser cristã nova.

Assim também afirmou Ambrozio Ferreira de Castro. Sétima testemunha chamada, de trinta anos, *pouco mais, ou menos*, casado, natural e morador da cidade de São Luís, Ambrozio foi contundente ao afirmar o ocorrido na, já conhecida, Noite de Natal.

Mais rica em detalhes foi a declaração do português Estevam de Abreu Pereira. Natural da Vila de Lourinhã, de aproximadamente quarenta e seis anos, dos quais desde os seis vivia na “Cidade do Maranhão”, Estevam revelou que ouvira dizer publicamente que a dita Izabel Gomes,

²¹ NOVINSKY, Anita Waingort. op. cit. p. 47.

²² NOVINSKY, Anita Waingort. op. cit. p.48.

²³ *A Bula da Cruzada implicava na concessão de indulgências e outros bens espirituais bem como o recolhimento de consideráveis importâncias, provenientes da contribuição dos fiéis (esmolas) nas compras das bulas, que eram papéis, primeiros manuscritos e, mais tarde, impressos. E esses rendimentos eram aplicados em muitas empreitadas relacionadas com a defesa da cristandade ou a propagação da fé. Muitas vezes, quem não podia lutar, beneficiava-se da indulgência se contribuísse para as despesas das campanhas. (...)A documentação existente sobre a Bula da Santa Cruzada permite ver ainda a existência de um complexo aparato administrativo, as ligações com o Santo Ofício, o embasamento ideológico do Estado e da sociedade portugueses, com a consequente função social, que ela exercia, os privilégios de que usufruíam os funcionários, o contencioso fiscal, uma infinidade de processos contra os recalcitrantes e os que simplesmente falavam mal da Bula e muitos outros problemas ainda intocados que oferecem um farto manancial para a historiografia.* In: A Bula da Santa Cruzada. Nota preliminar. David Rabello Departamento de História da UNESP — Assis. pp. 150; 162.
www.revistas.usp.br/revhistoria/article/viewFile/61350/64285

Mandara huma pouca de massa de pam a Raimundo de Azevedo por ser curioso de fazer imagens, para que dela lhe fizesse huma imagem de hum menino, que depois de cozido no forno levara ele a Izabel Gomes huma noite de Natal a Igreja do Carmo desta cidade, e ahy o dera a beijar a várias pessoas, entre as quais também estavam suas parentas dela, e que depois o despedaçaram entre si.²⁴

Lembrou ainda que, um certo Manoel da Costa Dias lhe dissera que, lhe mandando o Comendador das Mercês ou Izabel Gomes, *não se lembrava bem*, uma imagem de Nossa Senhora das Mercês para (sic!),

achara que a ditta imagem tinha os dedos queimados e maltratados, a qual ditta imagem costumava estar em caza da ditta Izabel Gomes e que ele dito Manoel da Costa Dias vendo assim a ditta imagem sentio mal da ditta Izabel Gomes presumindo que talvez ella queimaria as mãos da sagrada imagem por judiar e que vendo que ella ditta Izabel Gomes mandava amiudamente a sua caza saber se estava colada a dita imagem para mandar tivera-lhe o dito Manoel da Costa Dias de a mandar e fora entregar ao Comendador do Convento das Senhora das Mercês, Frei (sic!) Joam.²⁵

E as acusações de Estevam contra Izabel continuavam. Relembrando a ocorrência na Ermida Nossa Senhora da Boa Hora declarou que,

estando em certa ocasião, Ighes Andrade, mulher de Gregório de Andrade e Affonseca e filha de Duarte Rodrigues e Izabel Gomes, mulher do Capitão Diogo Pedro e sobrinha de Ignês Andrade sahiram ao caminho a receber alguns de seos parentes que lá estavam também debaixo do Pattio suposto, repicando o sino da ditta hermida.²⁶

Outra testemunha a participar da Inquirição foi o Capitão da Nobreza da cidade de São Luís, Luis Lanserotte Coelho de cinquenta anos, *pouco mais, ou menos*, natural e morador na localidade. Em seu depoimento, Luís também se referiu ao caso da Missa de Natal destacando o nome de Izabel Gomes como a principal do sucedido naquela noite, mas foi Catharina Barboza, natural e moradora de São Luís do Maranhão, de trinta e cinco anos, pouco mais, ou menos, mulher do Alferes Pedro Pestana de Mendonça que relatou com mais pormenores o ocorrido naquela Missa.

²⁴ NOVINSKY, Anita Waingort. op. cit. p. 59.

²⁵ NOVINSKY, Anita Waingort. op. cit. p. 59.

²⁶ NOVINSKY, Anita Waingort. op. cit. p. 61.

Em sua fala, narrou que, indo em uma noite de Natal *ouvir Missa à igreja de Nossa Senhora do Carmo em companhia de sua mãe Ygnacia da Sylva Barboza* encontrava-se perto delas Izabel Gomes e suas primas, filhas de Branca da Silva e de Gregório de Andrade, todas netas de Duarte Rodrigues. De acordo com suas palavras, Izabel lhe dera um menino de massa cozida embrulhado em um lado da cintura para baixo e que, nem percebera bem, lhe disse que o beijasse, ou visse, e que o desembulhando o mostrara a sua mãe para que o visse, *reparando que averia naquilo alguma judiaria pelas rizadas com que todas estavam e por não lhe parecer que Christãos velhos façam como ellas de quem se diz publicamente serem christans novas semelhantes galanteios naquela santa noite.*

Ainda segundo suas palavras, um senhor por nome Manoel Campello, já falecido, disse-lhe que Izabel Gomes e suas primas tinham levado o dito menino para a casa de Gregório de Andrade e Affonseca e que nele puseram pólvora por dentro e lhe puseram fogo, conforme lhe contara Manoel da Sylva, filho de Catherina Duarte, irmã de Gregório de Andrade e Affonseca.

E que divulgando-se este cazo pella testemunha pediu lhe pelo Amor de Deos nam dissesse esse facto a ninguém por que temia que em algum tempo lhe prejudicasse, por ele ter feito o dito menino a rogo de Yzabel Gomes que ainda que o fizera sem presumir malícia, contudo, como foura feito por mandado de pessoa suspeita sempre temia lhe prejudicasse.

A prática e o valor do “ouvir dizer”, destacados por Laura de Mello e Sousa em sua obra *O diabo e a terra de Santa Cruz*²⁷ parecia viva e intensa.

Ainda sobre o episódio da “quinta feira de endoenças” Catharina lembrou que, *indo correr as igrejas na tarde*, estando Izabel Gomes à janela da casa do Capitão Diogo Pedro dirigiu-se à Izabel uma tal Rosina Duarte perguntando-lhe como tinha passado *aquella festa, e que ella ditta Yzabel gomes lhe respondera, que muito bem a passara com huma cuya de mingao.*²⁸

²⁷ Mello e Souza, Laura de. O Novo Mundo Entre Deus e o Diabo. Das Viagens Imaginárias às Viagens Reais. In: O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. SP: Companhia das Letras, 1986.

²⁸ NOVINSKY, Anita Waingort. op. cit. p. 100.

A cada testemunha a resistência de Izabel vinha à tona. A cada denúncia ficava evidente seu confronto, sua oposição e sua negação externada contra a religião instituída. Como apropriadamente sinaliza Ana Lucia Heckert,

O exercício de resistência é afirmação da potência de ação que constitui o vivo. Diz respeito a processos anônimos e imprevisíveis, centelhas de instabilidade que tecem outros modos de existência. Resistir, como reexistência, é criar modos de agir que afirmem a inesgotável potência de criação que compõe o vivo(...). Os processos de resistência significam não apenas oposição a uma dada situação, mas criação - portanto, afirmação - de práticas sociais diversas e polifônicas, capazes de tecer outras formas de vida que ajam em vez de apenas reagir.²⁹

Sob tal perspectiva, Izabel produzia a partir de suas manifestações e práticas polifônicas a continuidade de sua existência.

O caso da Missa de Natal repercutia entre os declarantes. E novamente foi mencionado quando Ygnacia Silva, mulher do Capitão Hilário de Paiva, foi chamada a prestar seu depoimento. Nele, além do episódio da “quinta feira de endoenças”, assinalou que estando na Igreja de Nossa Senhora do Carmo da cidade de São Luís do Maranhão em companhia de sua filha ficaram junto de Izabel Gomes, de sua irmã Ignácia Brandoa, das filhas de Gregório de Andrade e Afonseca, de Izabel Aires e outras parentas destas. *Com festas Izabel Gomes dera a sua filha, não estava certa se para ver ou beijar, um menino Jesus de massa cozida e que a outra filha de Izabel dera a ela testemunha para o ver que estava muito perfeitamente feito entregando em seguida novamente para Izabel Gomes. Ouvira dizer que, Izabel Gomes o tinha dado a beijar as suas negras e que depois tinham metido pólvora dentro e dado fogo, mas que nem sabe de certo, se era este, ou outro.*³⁰

Naquele fluxo de lutas cotidianas, Izabel produzia as suas próprias rupturas e saídas. Não se sujeitava, antes interrogava em cada insurgência a religião que não era a sua, mas que a impunham.

²⁹Heckert, Ana Lucia Coelho. Os exercícios de resistência no contemporâneo: entre fabulações e contágios. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 19, n. 3, p. 469-479, jul. /set. 2014. P.477. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-73722228410>

³⁰ NOVINSKY, Anita Waingort. op. cit. p. 101.

É o que se pode reiterar a partir do conteúdo apresentado na declaração de Maria da Sylveira, mulher de Raimundo de Azevedo, natural e moradora de São Luís, de idade trinta e oito anos, pouco mais ou menos.

Mulher do artesão responsável pela feitura do menino Jesus de massa, tão falado nos depoimentos anteriores, Maria narrou outro episódio, até ali não citado. Disse que, trazendo um punhado de passas da casa do Padre Doutor Pedro Correia de Brito e repartindo por outras mulheres que com ela estavam, *soube a Jozepha Ribeira hum pedaço de huma couza do tamanho de meio dedo e pelo fedor conheceram ser esterco de gente e que ouvira agora dizer que o barril de passas, donde estas se venderam, não era de Joam Nunes, mas sim de sua cunhada Izabel Gomes, que lá as tinha posto a vendelas.*³¹

As testemunhas arroladas na Inquirição de 1731 que referenciaram Izabel Gomes findaram com o depoimento de Maria da Sylveira, mas aquela mulher ainda teria seu nome inscrito doze anos depois em muitas páginas do 119º Caderno do Promotor³², no qual foram apontados os depoimentos de um segundo Auto de Inquirição do Santo Ofício ocorrido em 1743 no Convento de Santo Antônio da cidade de São Luís do Maranhão.

Um deles foi o de Apolônia Lopes, *mameluca*, natural de São Luís, de *cincoenta anos, pouco mais, ou menos e, “naquele tempo”, serva* de Lopo Vaz.

Em sua declaração, Apolônia retomou o ocorrido na Missa de Natal, apresentando pela primeira vez um momento anterior àquele vivenciado na Igreja do Carmo com uma significativa rede de sociabilidade de cristãos novos na cidade de São Luís, para além de detalhes das “cenas” apresentadas.

Não “ouvira dizer”, mas sim presenciara o ocorrido, o que talvez tenha contribuído para uma descrição mais pormenorizada da experiência. Disse que,

³¹ NOVINSKY, Anita Waingort. op. cit. p. 109.

³² <http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3260674>

no tempo em que hera serva de Ignácia Maria Xavier, filha de Maria Brandoa, neta de Duarte Rodrigues, christãos novos, e cazada com João Nunes Feyre, sendo ella ainda solteira, em huma noite de Natal indo Izabel Gomes cazada com Diogo Pedro de sua caza para a caza da dita sua senhora trazião uma imagem do Menino Deus em huma cobertura de bocetta coberto com flores e sahindo Ignacia Maria Xavier com a dita sua irmã e May Maria Brandoa, vierão direytas a caza de Gregório de Andrade christãos novos, aonde juntando-se com a mulher do dito Gregório, Ignez de Andrade christã nova, filha de Duarte Rodriguez e com suas filhas e primas das referidas Izabel Gomes e Ignacia Maria Xavier, a saber Michaela de Andrade, já defunta, cazada que foy com Francisco Cavalgante, Apolônia de Andrade, já defunta, cazada que foy com Antonio Alvez e todas juntas com os filhos de Gregório de Andrade, Ignacio de Andrade, já defunto, Manoel de Andrade, ainda vivo, João Paulo, também vivo e Francisco Xavier de Andrade, já defunto e mettidos em hum escriptorio com a porta fechada, começarão a fazer galhofas e rizadas com a ditta imagem do Menino; porém não sabe ella testemunha o que lhe fazião por estar a porta fechada, e ella ficar de fora, por hir em sua companhia e dahi sahirão todas as referidas mulheres juntas para a Igreja do Carmo à Missa de Natal levando o dito Menino e lá juntando-se com outras parentas, a saber Branca da Sylva, filha de Duarte Rodriguez, já defunta com suas filhas Maria Brandoa cazada com Manoel Monteiro de Carvalho, e Leonor Maria veúva que ficou de Thomaz do Valle ambas vivas e assim todas juntas, ao tempo que na Missa o Sacerdote dava a beijar o Menino ao Povo, nenhuma delas foy beijar; e logo entre si começarão a beijar o Menino que tinham levado, fazendo galhofas huãs com as outras. E acabando de o beijar, viu ella testemunha que Izabel Gomez dizia às outras que pegassem e comessem, fazendo-o em pedaços o Menino. E que também virão D. Thereza Maria viúva que ficou de Antonio da Sylva e Catharina Barboza cazada com Pedro Pestana. E não sabe ella testemunha se alguãs pessoas mais virão, por não tomar sentido e terem-se passado muitos anos. E concluiu afirmando que, a razão de saber o que tem dito hera como já disse por ser serva de Ignacia Maria Xavier e ir acompanhalla a Missa com outras mais servas, que já são falecidas.³³

Catharina Barboza foi outra testemunha chamada a prestar declarações. Embora já houvesse falado sobre o caso da Inquirição de 1731, seu relato descrito nos Cadernos do Promotor,³⁴ traz uma gama maior de detalhes em relação ao registro anterior e nos quais dois elementos se evidenciam. O primeiro, o lapso de tempo entre o episódio e sua narrativa perante a Mesa inquisitorial, vinte e sete ou trinta anos atrás, *em tempo que hera*

³³ 119º Caderno do Promotor_1740/1750. PT-TT-TSO-IL-030-0311_m0070.TIF
<http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3260674>

³⁴ 119º Caderno do Promotor_1740/1750. PT-TT-TSO-IL-030-0311_m0075.TIF
<http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3260674>

do Governador Christovão da Costa Freyre. O segundo, o minucioso rol de nomes, laços familiares e aspectos do cotidiano colonial apresentado pela denunciante.

No documento, consta que, indo com sua mãe e sua “serva” Anna³⁵, que a época se chamava Florinda, na Missa de Natal do Convento do Carmo, estando *assentadas* na parte esquerda da entrada da Igreja, lá estavam também Izabel Gomes, mulher de Diogo Pedro, neta de Duarte Rodriguez, *com todas suas mais parentas, a saber*: sua irmã Ignácia Maria Xavier, casada com João Nunes; sua tia, Ignês de Andrade, mulher de Gregório de Andrade; sua prima Branca da Silva com suas filhas Leonor Maria, viúva de Thomaz do Valle, Maria Brandoa, casada com Manoel Monteiro de Carvalho, Leonor de Távora, viúva de João Camello, com sua filha Jerônima e *outras mais parentas que sempre se ajuntavão todas nas festas*.

Foi quando Izabel Gomes teria dado à denunciante uma imagem do *Menino Deos atada com hum panno pela cintura feita de massa*, que ela não sabia se para o ver ou beijar e passando às mãos de sua mãe que *pegando nelle e reparando como endafadada lhe perguntou quem lho havia dado*. Ao responder que havia sido *a mulher de Diogo Pedro*, sua mãe lhe disse que *o tornasse a dar a sua dona*.

E principiando a Missa cantada passou a ouvi-la sem reparar *com seus olhos* o que fizeram com o dito “menino”, mas viu e ouviu que estavam fazendo *grandes galhofas* e daquilo suspeitavam, segundo suas palavras,

estarem judeando, fazendo algum desacato à dita imagem por serem conhecidas por christãs novas e assim ouvio publicamente que ellas tinham beijado entre si e dado a beijar e depois o despedaçarão. E logo na 2^a. Oitava foy a casa dela testemunha, Raymundo de Azevedo que tinha feito duas imagens do Menino e que Izabel Gomes lhe tinha mandado para o tal effeito a massa e que visto ella os ter visto no Carmo, nisso não falasse nem dissesse cousa alguã, por ele os ter feito e disso poderem fazer-lhe crime; no qual tempo já tudo estava público. Disse mais, que não sabe com certeza as pessoas que virão o referido desacato, por não tomar sentido, só sabe que estava com ella a sua escrava Anna e sua May, já defunta, as quais também virão o que ella viu, e que atraz e junto a ellas estava huã mulher Natalia de Juzus, a qual disse a ella testemunha que vira despedaçar o Menino entre ellas e que a primeira que pos os dentes na ditta image fora Ignacia Maria Xavier, mulher de João Nunes. O que melhor dirá a dita Natália, se for chamada. E também ouviu

³⁵ De acordo com o registro constante no documento, Florinda teve o seu nome mudado por ocasião de sua crisma. 119º Caderno do Promotor_1740/1750. PT-TT-TSO-IL-030-0311_m0075.TIF <http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3260674>

dizer que Maria da Cruz, viúva de João de Espíndola, vira também o referido desacato, que ella dirá. E não sabe se viu, ou não viu, D. Thereza Maria, nem se estava lá, por estar muita gente. Que muytas pessoas poderiam ver e ella testemunha não as conhecer pelo grande concurso.³⁶

Naquela noite, a Igreja do Carmo³⁷ estava repleta de pessoas para solene a Missa de Natal. E foi lá, o local e momento escolhido por Isabel para uma das suas mais contundentes declarações públicas de rejeição ao catolicismo que lhe era imposto.

As acusações de Catharina contra Isabel Gomes não pararam aí, dando conta também de um acontecimento passado em outro significativo dia do calendário católico, a quinta-feira santa. Em seu depoimento declarou que, naquela tarde, estando com sua mãe a visitar “as Igrejas”, confirmando para todos os efeitos o seu papel de fiel cristã católica, encontrou na saída da Igreja das Mercês com Catharina Duarte, irmã de Gregório de Andrade, e, portanto, tia de Isabel Gomes.

Ao passarem pelas portas de Isabel, Catharina Duarte teria perguntado a sua sobrinha _ “*Como passastes a festa?* ”, ao que lhe respondera Isabel _ “*Com huma cuja de mingau fiz a minha festa*”.³⁸

Ora, Quinta-feira Santa representa na liturgia católica um dia de contrição e jejum. Isabel não o fez. Isabel não o faria. Antes, porém, aquele mingau em dia de penitência era mais uma forma de resistir, de negar e mostrar sua contrariedade frente a religião e dogmas que não eram os seus.

Outra testemunha de acusação chamada para depor foi senão Pedro Pestana de Mendonça, Sargento Mor e marido de Catharina Barboza.

³⁶ 119º Caderno do Promotor_1740/1750. PT-TT-TSO-IL-030-0311_m0076.TIF
<http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3260674>

³⁷ César Marques registra no Dicionário histórico-geográfico da província do Maranhão que, em 1624, vieram de Pernambuco três frades da Ordem de N. Senhora do Carmo, em Companhia de Frei Cristóvão de Lisboa. Três anos depois, estes mesmos religiosos, construíram o atual Convento no Largo do Carmo, Centro de São Luís, embora em 1615, um Convento anterior já tivesse sido construído em lugar próximo do atual, quando da expulsão dos franceses. MARQUES, César Augusto. Dicionário Histórico - Geographico da Província do Maranhão. Maranhão. Typ. do FRIAS, rua da Palma nº 6. 1870. pp.152 – 158.

³⁸ 119º Caderno do Promotor_1740/1750. PT-TT-TSO-IL-030-0311_m0077.TIF
<http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3260674>

Assinalado nos autos como cristão velho e filho dos também cristãos velhos Manoel Pestana de Mendonça, Capitão Mor, e Josepha da Assumpção, Pedro narra uma tomada de satisfação por parte de Isabel Gomes ao casal Pedro Pestana e Catharina Barboza.

O cotidiano era também inquietude.³⁹

De acordo com Pedro Pestana, entre os anos de 1728 e 1729, quando o Vigário Geral encontrava-se *tirando inquirições de Theodoro Camello*, que pretendia ordenar-se padre, Izabel Gomes, tia de Theodoro, teria ido à sua roça, lá chegando *muito agastada com razões do cabo* começou a falar sobre as referidas inquirições feitas ao seu sobrinho, queixando-se que a sua mulher, Catharina Barboza, havia *ido jurar nas inquirições* ao que lhe respondeu prontamente Catharina que até aquele momento ela não tinha ido jurar e nem tinha sido chamada para tal.

Izabel, em um tom mais grave, teria continuado com a recriminação perguntando: *Temos aqui, Sr. Capitão, a hystória do Menino do Carmo que me levantarão? Hé falso*. Ao que tornou a responder-lhe Catharina Barbosa: *que se fosse a juramento, que havia de jurar, que só vira esse cazo do Menino e só por ele a chamarião lá*. A esta resposta retrucou Izabel Gomes dizendo que era *verdade*, porém que o Menino havia sido mandado por Raymundo de Azevedo à sua filha *pão por Deos* e que o Menino era *mascarado*.

Passado o momento de tensão, voltaram às boas dizendo Catharina à Izabel que *sempre fora sua amiga e camarada e despedindo-se Izabel apertou a ella muito as mãos e se foy embora*.

Quando estava frente à Mesa, porém, Pedro Pestana disse ter entendido que, com aquela resposta, Izabel confessava a história do Menino *que tinha sucedido no Carmo* e que ele sempre tinha ouvido na cidade. Além disso, que a sua mulher, Catharina Barboza, havia presenciado o tal caso. Que para ele, ao Izabel Gomes dizer que o Menino era *pão por Deos*, tratava-se de uma *desculpa*, pois era sabido nunca dar o dito pão em Noite de Natal, *nem o pão por Deos em figura de Menino*.

³⁹ 119º Caderno do Promotor_1740/1750. PT-TT-TSO-IL-030-0311_m0080.TIF
<http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3260674>

Talvez esse tenha sido um dos poucos momentos em que Izabel apresentou um traço de apreensão, ou talvez medo. Ou nada disso.

E foi chamada Anna Maria de Jezus. Cristã velha, de quarenta e cinco anos e casada com o Capitão Lourenço da Silva Pinheiro.

Em seu detalhado depoimento, disse que há vinte e nove anos *pouco mais ou menos*, no tempo do governador Cristóvão da Costa Freyre⁴⁰, chegando pela manhã do dia de Natal à casa de seu pai, que vinha do Convento do Carmo, onde tinha assistido a Missa do Galo e lá tocado *instrumentos no choro*, este lhe teria dito que Izabel Gomes havia levado uma imagem do Menino Deus para a Igreja e durante o tempo da Missa, ela juntamente com

as mais suas parentas estiveram fazendo galhofas, rizadas e estrondos no que todos repararão e que no fim da missa se publicara no Convento que o motivo das galhofas fora por andarem dando a beijar a humas e outras o dito menino e que ao mesmo tempo o fizeram em pedaços como quem o comia consumindo-o entre si, do que tinha resultado grande escândalo.⁴¹

Sobre este acontecimento, Anna Maria completou que sabia que, na manhã da véspera de Natal, Izabel Gomes tinha mandado por *sua mameluca* chamada Florência *uma pouca de massa em um prato de Veneza a Raymundo de Azevedo*, que por curiosidade fazia imagens, para que lhe fizesse duas imagens do *Menino Deos* e depois de feitos que *os encarnasse e preparasse*. Disse que, pela tarde daquele mesmo dia, Florência voltou para buscar as ditas imagens que trouxe cobertos no mesmo prato mostrando-lhes para Anna Maria e dizendo-lhe que *a sua senhora os tinha mandado fazer* e que logo na manhã de Natal quando soube do ocorrido começou a gritar contra Isabel Gomes por lhe ter mandado fazer os “Meninos”, chamando-lhe em voz alta *cachorra judia*.⁴²

Não se esqueceu de registrar que, nos tempos em que Duarte Rodrigues era vivo, ouvia-se por toda cidade que a família do patriarca, incluindo Izabel Gomes, se reunia

⁴⁰ Cristóvão da Costa Freire, governador e capitão-general do Estado do Maranhão e Grão-Pará 21-1-1707 a 18-6-1718. In: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/projeto-resgate-barao-do-rio-branco/acervo-digital/capitanias/piaui/>

⁴¹ 119º Caderno do Promotor_1740/1750. PT-TT-TSO-IL-030-0311_m0082.TIF <http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3260674>

⁴² 119º Caderno do Promotor_1740/1750. PT-TT-TSO-IL-030-0311_m0082.TIF <http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3260674>

ocultamente às portas fechadas, segundo lhe parecia, aos sábados, com roupas de festas para *judear* por serem cristãos – novos.⁴³

Com um rico detalhamento de nomes e vínculos familiares que permite alcançar parte da rede de sociabilidades cripto judaicas da família Távora e entrever aspectos daquelas práticas religiosas, Anna Maria de Jezus *disse mais que,*

No tempo em que Duarte Rodriguez hera vivo, se ajuntavão suas filhas, das quais só he viva Leonor Maria viúva que ficou de João Camello, e mais parentes e parentas, vestidos de festa em caza dele dito defunto; porém não sabe ella testemunha que festas lá fazião, pelas fazerem ocultamente e outras vezes ião para caza de Gregório de Andrade e do (sic!) Jozé Rodriguez de Távora, e para caza de outros; e depois dele dito Duarte morrer fazião as ditas festas em caza de Gregório de Andrade, e por morte deste em caza de (sic!) Jozé Rodriguez de Távora, athe o tempo que ele faleceu, em cuja caza se ajuntavão e via ella testemunha muitas vezes ir para lá sua sobrinha Izabel Gomes e Ignácia Maria Xavier cazada com João Nunes e sua May já defunta, Branca da Silva já defunta com suas filhas Leonor Maria ainda viva, Maria Brandôa cazada com Manoel Monteiro, Leonor Maria, viúva de João Camello, ainda viva, com suas filhas Jeronyma de (sic!) Maria e Joanna, e alguãs vezes também Catharina Duarte, irmã de Gregório de Andrade, ainda viva, Jozefa de Andrade, sua irmã ainda viva e alguãs vezes os ditos maridos hião com suas mulheres, Diogo Pedro, já defunto, Manoel Monteiro, ainda vivo e João Nunes, ainda vivo. O que fazião em huã dia de cada semana, que lhe parece ser no sábado. O que sabe pelas ver ir aos ditos ajuntamentos, morando junto delas⁴⁴

Não deixava de sinalizar quem já havia falecido e quem estava vivo, possivelmente para que pudessem ser chamados e igualmente prestarem seus depoimentos frente à Mesa Inquisitorial.

Outro destaque que merece ser pontuado dá-se quando Anna Maria de Jezus relembra o medo das ações do Santo Ofício traduzido nas proibições que pessoas frequentassem as reuniões dos Távora, como foi o caso que envolveu Jozé Rodrigues, Catharina Barboza e

⁴³ 119º Caderno do Promotor_1740/1750. PT-TT-TSO-IL-030-0311_m0083-84.TIF
<http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3260674>

⁴⁴ 119º Caderno do Promotor_1740/1750. PT-TT-TSO-IL-030-0311_m0083-84.TIF
<http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3260674>

Josefa da Conceição. De acordo com suas palavras, todas as sextas-feiras á tarde Jozé Rodrigues visitava suas *parentas e parentes* convidando-as para irem aos “ajuntamentos”. Em uma das ocasiões convidou a cristã velha Catharina Barboza para participar das cerimônias diante da sua irmã Anna Jozefa da Conceição que a impediu de aceitar o convite *por depois não hirem à Inquizição, que mais cedo, ou mais tarde se havia de romper o que lá fazião por todos suspeitarem que seriam festas e cerimônias de judeos.*⁴⁵

O cotidiano (aparentemente) normatizado pela religião católica se decompunha nas simbólicas e contundentes reações de Isabel Gomes. Não parecia se importar em sequer parecer ser católica. E foi em uma sexta-feira da Paixão que sua resistência, mais uma vez se fez ver.

Ainda no depoimento de Anna Maria, consta que em uma Sexta-feira de Passos⁴⁶, no tempo em que morava em frente às casas de Izabel Gomes e de Ignácia Maria Xavier e seu marido João Nunes, reparou que Ignácia havia arrumado a casa *de festa*. Esta, ao notar que Anna Maria havia observado respondeu-lhe que era “para quem fosse ver a procissão da sua casa”. Deste episódio e perante a Mesa, Anna Maria foi categórica que *nunca ella lá viu ir alguém ver; e nos anos antecedentes via fazer o mesmo como também em Sexta-feira Santa compunhao a caza de festa para no sabbado estar composta quando lhes fossem dar as boas festas* e que o mesmo fazia Izabel Gomes em sua casa.⁴⁷

Ainda sobre vestimentas e festas, disse que, naquela mesma época, em uma Sexta-feira Santa vira Izabel Gomes vestida de festa com *camizas novas*, assim como sua filha *já defunta*. Explicou que Izabel havia lhe encomendado uma camisa para a sua filha que lhe fosse entregue até o Domingo de Ramos, todavia viu que somente a vestiu na Sexta-Feira

⁴⁵ 119º Caderno do Promotor_1740/1750. PT-TT-TSO-IL-030-0311_m0083-84.TIF
<http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3260674>

⁴⁶ *Nos países católicos, há três dias deste período particularmente valorizados: a Sexta-feira Santa (da Paixão), o Sábado de Aleluia e o já referido Domingo de Páscoa (que marca a ressurreição de Jesus). No que tange à morte, somam-se à Semana Santa (mas não necessariamente no mesmo período) as celebrações dedicadas ao “Senhor dos Passos” – que é o Jesus da Paixão, representado em imagens sacras como figura masculina a carregar a pesada cruz, trazendo no corpo as marcas causadas pelo sofrimento que lhe foi imposto entre a prisão e a crucificação, conforme os relatos bíblicos e a tradição católica.* In: Dossiê Procissão do Senhor dos Passos. IPHAN, 2018. p. 19.

⁴⁷ 119º Caderno do Promotor_1740/1750. PT-TT-TSO-IL-030-0311_m0083-84.TIF
<http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3260674>

Santa à tarde e que, em outra ocasião, Izabel havia lhe encomendado o feitiço de outra camisa, *que havia de ser para o dia de Natal*, e entregando-lhe antes do dia marcado a viu vestida *em folha na sexta feira antecedente à dita festa*.

Acrescentou que Izabel sempre a advertia que *não lhe metessem as suas camizas na ágoa, que as queria vestir em folha*.⁴⁸

Como destaca Leila Mezan Algranti, era *uma sociedade continuamente devassada pelo olhar do vizinho*⁴⁹. Confirmando tal “costume”, Anna disse que, em uma sexta-feira, *junto às Ave Marias*⁵⁰ encontrou *Dona Izabel Gomes vestida de gala* na rua das Mercês, além de ter conhecimento que assim como Ignácia Maria Xavier, Izabel também varria a casa às avessas.⁵¹

Nenhum olhar ou comentário parecia importar Izabel que seguia pertinaz em reconhecer-se não católica. Naquela São Luís de princípios do XVIII, Izabel assumia-se “Esther” e em suas atitudes expunha continuamente sua aversão ao catolicismo forçado. Um de seus mais contundentes atos foi o que se deu com a água dos potes que tinha em casa. Sobre o assunto, Anna de Jezus relatou que:

Em caza de Izabel Gomez vira por muitas vezes agoa à parte em dous vasos para quem vinha de fora e mandava as servas que às pessoas de fora dessem d’ agoa de hum dos potes que ella tinha assignado (...) E de ouvido sabe ella testemunha por lho dizer o Pedreiro Izidoro Fernandes e Manoel Nunes, que trabalhando em caza da veúva Leonor Maria, sobrinha de Gregório de Andrade, que lhe mandava por hum pote de agoa à parte para eles beberem, nos quais os ditos pedreiros acharão excremento de cachorro e hé público e notório que nas mais cazas dos Christãos Novos e parentes fazião o mesmo aos christãos velhos. Em couzas semelhantes sempre tiveram ruim fama os

⁴⁸ 119º Caderno do Promotor_1740/1750. PT-TT-TSO-IL-030-0311_m0084.TIF
<http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3260674>

⁴⁹ ALGRANTI, Leila Mezan. Famílias e vida doméstica. In História da vida privada: cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 p.94.

⁵⁰ *Na colônia, o toque do final da tarde marcava o fim da labuta. Nesse momento, as mulheres já se encontravam em casa; e os homens, caso ainda estivessem na lavoura, descobririam a cabeça), fariam o sinal da cruz e rezariam a prece angelical.* GOLIN, Cida e SALVATTI Bárbara. Rádio e Sino: A hora do Ângelus. Conexão - Comunicação e Cultura V. 3, n. 5, jan. /jun. 2004. p.7

⁵¹ 119º Caderno do Promotor_1740/1750. PT-TT-TSO-IL-030-0311_m0085.TIF
<http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3260674>

taes christãos novos, como também no procedimento, como he notório e público.⁵²

As resistências de Izabel Gomes eram persistentes, significavam a sua identidade e materializavam suas negações como também referenda o conteúdo da acusação feita por Bernardo de Souza, sessenta e sete anos, viúvo de Silvana Nunez de Oliveira, natural e morador na *Cidade do Maranhão* e oficial de sapateiro de *tenda aberta*.

De acordo com Bernardo, em certa ocasião, Izabel Gomes mandara a moça Estácia, escrava de sua irmã Ignácia Maria Xavier, vender *humas poucas de passas* que foram compradas por Estevão de Abreu, vizinho de Bernardo, que estava jogando com outros em casa de Dom Joseph de Meirelles. Ocorreu, porém, de Estevão encontrar uma triaga⁵³ seca misturada no meio das passas gerando uma forte contestação por parte do grupo e a recolha e cancelamento da venda das passas por determinação de Izabel.⁵⁴

Esta foi uma das últimas denúncias contra Izabel Gomes.

Não se sabe de sua sentença final. Certo é que, no fluxo das lutas cotidianas, Izabel produziu as suas próprias rupturas e saídas. Não se sujeitava, antes interrogava em cada insurgência a religião que não era a sua, mas que a impunham.

⁵² 119º Caderno do Promotor_1740/1750. [PT-TT-TSO-IL-030-0311_m0085.TIF](http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3260674)
<http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3260674>

⁵³ THERIAGA, ou Triaga. Deriva-se do Grego *Thir*, ou *Thirion*, nomes que valem o mesmo, que *Fera*; trociscos de *Vibora*, (Serpente, a que Andromaco chama *Therion*, ou Fera) são a base deste: medicamento, & he excellente contra mordeduras, & picadas de bichos venenosos: ou segundo o Autor do Diccionario Oriental, *Triaga* se deriva de *Tiriau*, que em lingua Persiana, & Arabica val o mesmo que *Contrapeçonha*, e *Antidoto*. He a Triaga huma espécie de Opiato, composto de medicamentos quentes, em que entrão sessenta & tres ingredientes, sem fallar no vinho, & no mel. Serve de curar doenças procedidas de frialdade, & debilitação do calor natural, como são Paralsia, Apoplexia, Epilepsia, Lethargia, &c. Andromaco, Medico do Emperador Nero, inventor da Theriaga, descreveo a composição della em versos Elegiacos debayxo do nome de Galeno, que segundo a etymologia Grega desta palavra, val o mesmo que *Tranquillo*, & com este nome quiz Nicomaco significar que com este remedio ficavão aliviados, sossegados, & *Tranquillos*, os que padecião graves doenças. *Theriaca, e. Fem.* ou *Theriace, es. Fêm, Plin.* (A cura quizerão alguns fazer com *Theriaga*. Barros, 2. Dec. fol. I 42-col.4. (Bolo Armenio, Açafraão, Theriaga. Thesour. Apollineo, 173.) In: BLUTEAU, Raphael. Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. vol.VIII, p.155.

⁵⁴ 119º Caderno do Promotor_1740/1750. [PT-TT-TSO-IL-030-0311_m0093.TIF](http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3260674)
<http://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3260674>

Conclusão

A história de Izabel Gomes, em parte narrada na Inquirição de 1731 e no Caderno 119 do Promotor, evidencia, como sugere Karina Kosicki Bellotti⁵⁵, “a tensão entre o individual e o coletivo, a tolerância e intolerância religiosa e o entrelaçamento entre o religioso e o social” vivenciados no cotidiano colonial.

Referências Bibliográficas:

ADRIANO FARIA de ASSIS, Ângelo. (2002). Inquisição, religiosidade e transformações culturais: a sinagoga das mulheres e a sobrevivência do judaísmo feminino no Brasil colonial - Nordeste, séculos XVI-XVII. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 22, n. 43, p. 47-66.

DOI: 10.1590/S0102-01882002000100004

ALGRANTI, L. (1997) Famílias e vida doméstica. In História da vida privada: cotidiano e vida privada na América portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras.

BELLOTTI, Karina Kosicki. Identidade, Alteridade e Religião na Historiografia Colonial. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais janeiro/ fevereiro/ março 2005 Vol. 2 Ano II nº 1. Recuperado de: <http://www.revistafenix.pro.br/pdf2/Artigo%20Karina%20Kosicki.pdf>

BLUTEAU, R. (1712 – 1728) Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus. vol. VIII. Recuperado de: Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (BBM) é um órgão da Pró-Reitoria de Cultura e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo (USP). <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5449?locale=en>

DOSSIÊ PROCISSÃO DO SENHOR DOS PASSOS. IPHAN, 2018. Recuperado de: [http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/dossie_procissao_sr_dos_passos_fl_p_2018\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/dossie_procissao_sr_dos_passos_fl_p_2018(1).pdf)

FOUCAULT, M. (1987). Vigiar e Punir. Petrópolis: Editora Vozes.

⁵⁵BELLOTTI, Karina Kosicki. Identidade, Alteridade e Religião na Historiografia Colonial. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais janeiro/ fevereiro/ março 2005 Vol. 2 Ano II nº 1. Recuperado de: <http://www.revistafenix.pro.br/pdf2/Artigo%20Karina%20Kosicki.pdf>

GOLIN, C.; SALVATTI B. (2004). Rádio e Sino: A hora do Ângelus. Conexão - Comunicação e Cultura V. 3, n. 5, jan. /jun. Recuperado de:
<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/260>
<file:///C:/Users/Cliente/Downloads/260-1022-1-PB.pdf>

GONÇALO MONTEIRO, N. (1998) “Poderes Municipais e Elites Sociais Locais” (séculos XVII XIX): Estado de Uma Questão”. In: O Município Português. Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico. Recuperado de:
<https://pt.scribd.com/document/430835280/7944-22646-1-PB>

HECKERT, A. (2014). Os exercícios de resistência no contemporâneo: entre fabulações e contágios. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 19, n. 3. Recuperado de:
<https://doi.org/10.1590/1413-73722228410>.

MARQUES, C. (1870). Dicionário Histórico - Geographico da Província do Maranhão. Maranhão. Typ. do FRIAS, rua da Palma n° 6.

MELLO E SOUZA, L. (1986). O Novo Mundo Entre Deus e o Diabo. Das Viagens Imaginárias às Viagens Reais. In: O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. SP: Companhia das Letras.

NOVINSKY, A. (2006). O Santo Ofício da Inquisição no Maranhão: a inquirição de 1731. São Luís: UEMA.

NUNES SCARDUELI, M.; RODRIGUES de CAMARGO, A. (2014). DALILA E ESTER: Personalidades bíblicas linguisticamente poderosas. Caderno Espaço Feminino - Uberlândia-MG - v. 27, n. 1 - Jan/jun. Recuperado de:
<https://biblat.unam.mx/pt/revista/caderno-espaco-feminino/articulo/dalila-e-ester-personalidades-biblicas-linguisticamente-poderosas>

OLINDINA ANDRADE de OLIVEIRA, M. (2010). OLHARES INQUISITORIAIS NA AMAZÔNIA PORTUGUESA: O Tribunal do Santo Ofício e o disciplinamento dos costumes (XVII-XIX). UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS – UFAM. Manaus.

“PROVISÃO DAS ORDENANÇAS DE 30 DE ABRIL DE 1758”. (1789. Systema ou Collecção dos Regimentos Reais, compilados por José Roberto de Campos Coelho e Sousa, tomo V, Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno. Recuperado de:
<https://pt.scribd.com/document/430835280/7944-22646-1-PB>

RABELLO, D. A Bula da Santa Cruzada. (1984). Nota preliminar. Departamento de História da UNESP — Assis. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i117p143-162>

SALGADO, G. (1985). Fiscais e meirinhos: a administração no Brasil colonial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

SILVA, Regiane Aparecida Caire y SOUSA, Marília Martha França. (2016). A Companhia de Jesus em São Luís do Maranhão: Considerações sobre pintura e talha na Catedral da Sé. IHS. Antiguos jesuitas en Iberoamérica. Vol. 4 nº 1 enero - junio. Recuperado de:

<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5576276>

Documentos

Arquivo Público do Estado do Maranhão – APEM, Autos de Embargo, Caixa nº01, Maço nº 01, Documento nº 03, fl. 37.

Documentos Eletrônicos

ANTT – TSO, IL, Cadernos do Promotor, Caderno 119, livro 030 - 311, m107 fl.381v. Disponível em Arquivo Nacional da Torre do Tombo - DigitArq:

<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=3260674>

ANTT- TSO, IL, Cadernos do Promotor, caderno 77, livro 271, 35 TIF. Disponível em Arquivo Nacional da Torre do Tombo - DigitArq:

<https://digitarq.arquivos.pt/details?id=2318095>

Auto da Inquisição que mandou fazer o padre Carlos Pereira, comissário do Santo Ofício na cidade do Maranhão (Inquirição de 1731). Disponível em Arquivo Nacional da Torre do Tombo - DigitArq: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4499086>

História das Palavras. Blog. <https://steinhardts.wordpress.com/2009/02/23/128/>